



## **Os saberes agroecológicos na Educação do Campo: a implantação de uma horta em uma escola rural de Castilho (SP).**

*The agroecological knowledge in Field Education: the implementation of a vegetable garden in a rural school in Castilho (SP).*

SANT´ANA, Divanir Zaffani<sup>1</sup>; HESPANHOL, Rosângela Aparecida Medeiros<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestre em Geografia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Presidente Prudente (SP), nylzaffani@hotmail.com; <sup>2</sup>Profa.Dra. em Geografia, UNESP, Câmpus de Presidente Prudente (SP). medeiroshespanhol@gmail.com

### **Eixo temático: Políticas Públicas e Agroecologia**

**Resumo:** A Educação do Campo busca trabalhar conteúdos e métodos das disciplinas a partir da realidade dos educandos. Este trabalho analisa os efeitos da implantação de uma horta, com base nos princípios ecológicos, por parte do diretor de uma escola do campo, em Castilho (SP), que a utilizou também para o ensino de matemática. A metodologia de pesquisa consistiu em visitas ao local e entrevista semiaberta com o diretor. A horta trouxe vários benefícios, como facilitar o ensino/aprendizagem com conteúdo que interligava o estudo e as experiências de vida dos educandos; incentivar outros professores (de Geografia, Ciências, Português etc) a utilizar o espaço para ministrar as aulas; reforçar a segurança alimentar e nutricional de expressivo número de pessoas, pois os alimentos colhidos na horta enriqueciam a merenda escolar, complementavam a alimentação das famílias dos estudantes, já que o excedente podia ser levado para casa, e ainda era doado ao asilo municipal.

**Palavras-chaves:** Experiências de vida e ensino; Agroecologia; Escola do campo.

**Keywords:** Life experiences and teaching; Agroecology; School of the field.

### **Introdução**

A Educação do Campo (EC) se contrapõe ao modo de ensinar da educação convencional, que está atrelada à manutenção do sistema capitalista. Procura dar voz aos seus atores, ao propagar uma escola em que predomine o pensamento crítico, na qual professores e alunos, juntos no processo de ensino/aprendizado, tenham condições de pensar o mundo em que vivem, e deste modo tentar reverter o quadro de excluídos em seus próprios espaços de vida e trabalho (FREIRE, 1987, p.23). Para isso as escolas precisam dispor de um corpo docente disposto a reverter o atual cenário brasileiro de anulação dos saberes inerentes à vida dos educandos.

A Escola do Campo deve ser organizada para atender as especificidade locais, tendo em vista a dimensão territorial brasileira e as diversidades de povos que ocupam o campo brasileiro, como os pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses (re)assentados, ribeirinhos, povos da floresta, sem-terra, meeiros, boia-fria, e outros grupos mais (CALDART, 2002).



A EC pensa a escola como uma instituição mediadora do desenvolvimento do campo, mostrando aos estudantes que é possível um modo de cultivo sustentável que fuja da dependência gerada pela agricultura convencional, baseada no uso intensivo de produtos químicos sintéticos e energia não-renovável (CAPORAL; COSTABEBER, 2004). A agroecologia, neste contexto, compreende:

(...) um novo enfoque científico, capaz de dar suporte a uma transição a estilos de agriculturas sustentáveis (...) a partir dos princípios ensinados pela agroecologia passaria a ser estabelecido um novo caminho para a construção de agricultura de base ecológica ou sustentável (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p.8).

Desde os primórdios de sua utilização, a agroecologia:

(...) já incorporava uma conotação contestatória ao uso indiscriminado de insumos químicos exógenos para o aumento de produtividade da atividade agrícola, bem como uma crítica à imposição pelo setor industrial de uma forma de produção homogeneizadora, que desconsiderava aspectos sociais e edafoclimáticos (GLIESSMAN, 2013, citado por BORSATO; CARMO, 2013, p.06).

Este trabalho objetivou analisar os efeitos da implantação uma horta, com base nos princípios ecológicos, por parte do diretor de uma escola do campo, localizada no município de Castilho (SP), o qual envolveu os educandos em processos de ensino/aprendizagem mais próximos das experiências de vida dos mesmos.

## **Metodologia**

Este trabalho faz parte de uma pesquisa que originou uma dissertação de mestrado em Geografia, defendida na Unesp, Câmpus de Presidente Prudente (SP), em 2016. Abrangeu todos os agentes escolares envolvidos com a parte pedagógica (alunos, professores, coordenadores pedagógicos e diretores) de quatro escolas rurais localizadas na Microrregião Geográfica de Andradina (SP), dentre essas, a Escola Profa. Maria Dauria Silva Oliveira, localizada na Rodovia Marechal Rondon, km 667, em Castilho (SP). Os dados específicos, referentes a este artigo, foram obtidos por meio de três visitas *in locu* na referida Escola e com base em roteiro de entrevista semiaberto e que foi gravada com o Diretor da referida instituição de ensino.

## **Resultados e Discussão**

A referida Escola atende crianças de vários assentamentos, reassentamentos e acampamentos rurais, bairros rurais, os pesqueiros (ranchos), algumas fazendas, sítios e um condomínio de casas próximo à Unidade Escolar.

Os professores e a direção desta Escola não receberam nenhum curso de formação que tratasse das concepções da Educação do Campo, mas uma iniciativa bastante



importante do Diretor foi a criação, há alguns anos, de um projeto de horta em um terreno da Escola, ao lado do prédio principal (Fotos 1 e 2).

Os alunos que cursavam os anos finais do ensino fundamental eram orientados e ajudavam no plantio de mudas e na sementeira, enquanto os menores faziam apenas visita de reconhecimento à horta. O Diretor informou que utilizava a horta no ensino de matemática, como o cálculo de áreas e perímetros dos canteiros, e também, no caso das bandejas, para formação das mudas de algumas hortaliças, media-se o diâmetro ou área de cada célula (tubete) e, em seguida, calculava-se quantas mudas cabiam em cada bandeja, entre outros exercícios.



**Figuras 1 e 2.** Projeto horta e alunos em atividades pedagógicas na horta, em 2013, na EMEIEF Profa. Maria Dauria Silva de Oliveira, em Castilho (SP).

Fonte: Arquivo da EMEIEF Profa. Maria Dauria Silva de Oliveira, 2013.

Talvez de forma não consciente, pois não recebeu nenhum tipo de qualificação específica neste sentido, o Diretor já conseguia trabalhar com os alunos alguns métodos preconizados pela EC que utiliza aspectos da prática cotidiana dos educandos para ensinar as matérias tradicionais (Português, Matemática, Ciências, Geografia, entre outras). O professor conduz o ensino-aprendizagem, mas o aluno dialoga com o professor, pois tem vivência com a matéria que está aprendendo. Como Freire (2002, p. 21) preconiza “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”.

Os professores do projeto vinham trabalhando com um aspecto tratado por Paulo Freire, em que o ensino/aprendizagem é realizado por meio da realidade/concreto, pois esse educador sempre se opôs à “educação bancária”, na qual o aluno fica passivo, apenas escutando o professor, sem compreender efetivamente o que está sendo ensinado. O Diretor relata como são as aulas na horta:

(...) são voltadas para estatística, vou montando problemas, trabalho, projetos voltados para o ensino, (...) e outro é a alimentação, verificar a possibilidade de trabalhar sem agrotóxico. Tem época do ano que a pessoa chega na escola e fala que a sua horta está no mato, ‘malemá’ ele sabe que a concorrência das plantas com mato, para combater os insetos, os insetos não



sabem qual é a planta que eu gosto, ele vai para o mato, assim como ele vai para um pé de couve, para um pé de alface (...) se ele estiver só (verduras sem o mato), você corre o risco de obrigatoriamente ter que usar [agrotóxico] (...) enriquece a alimentação da escola (...) a escola passa a ter diversidade (...) (Diretor EMEIEF Profa. Maria Dauria S. Oliveira, out/2015).

Este conhecimento do Diretor, que o leva a valorizar a produção sem uso de agrotóxico, é importante, pois esses produtos são nocivos à saúde humana, aos animais e ao meio ambiente. Se os professores tivessem uma formação mais ampla e contextualizada com a realidade dos alunos, conseguiriam realizar, em uma perspectiva crítica, uma ligação entre os conteúdos gerais de suas disciplinas e o cotidiano dos estudantes do campo.

Questionado se os alunos gostam de participar das aulas na horta, o Diretor afirma:

Tem alunos que a gente tem por perto, eles sobressaem, tem alunos que se chamarem para vir para o Projeto Horta, como diz o ditado só de sair da sala de aula e ter liberdade (...) do 2º ao 3º ano só é visita, o dia que tem pouca lama, eles observam e um quer saber mais que o outro, isso enriquece, faz o questionamento, abre para as perguntas, e agora os maiores começam a ajudar vai plantar o alface, plantar 2.000 mudas, aí precisam deles, eles tem maior facilidade, eu tenho teoria de todo conhecimento, e a criança tem vontade, do 6º ano em diante já trabalham, eles cobram, cadê o Projeto Horta? (Diretor EMEIEF Profa. Maria Dauria S. Oliveira, out/2015).

Mas, em 2015, o Diretor informou que não havia conseguido, até aquele momento da entrevista, um trator da Prefeitura para fazer o preparo da terra no tempo adequado. Além das aulas que eram realizadas na horta, os alimentos ali produzidos eram usados na merenda escolar e, no caso de excedentes, os alunos podiam colher para levar para casa, ou ainda eram doados para outras instituições, como o Asilo de Castilho (SP). Já em junho de 2016, em nova visita a escola, o Diretor nos contou, com satisfação, que havia retornado o projeto horta, e chamou a pesquisadora para visitar a horta e mostrar como desenvolvia as suas aulas. Apresentou as bandejas com as células onde se faz a semeadura e que são utilizadas para as aulas de estatística (quantas plantas nasceram/morreram, quantas plantas por linha, modo de semeadura, tempo de nascimento e para os raleamentos, etc.), trabalha a questão da semente, marca a que tem maior germinação, total de germinações/não germinação por bandeja, esses tipos de verificações são colocados para formarem problemas. Também mostrou o manejo utilizado na horta, o tipo de adubo utilizado (esterco animal e também restos da própria horta), entre outros aspectos. O diretor relatou que professores de outras disciplinas também vinham utilizando a horta para tratar de alguns temas referentes às suas áreas.

Ainda que sejam pequenas as adaptações implantadas, de alguma forma têm enriquecido o ensino e a vida dos alunos. Para Freire (1996, p.12-13): “preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender”.



## Conclusões

Embora o Diretor da Escola não tenha realizado nenhuma qualificação sobre a política então vigente de Educação do Campo, a iniciativa do dirigente foi bastante louvável, pois os alunos, mesmo morando em áreas rurais, nem sempre têm oportunidade e/ou são estimulados a trabalhar com a terra.

A horta implantada trouxe vários benefícios, entre eles: facilitar o ensino/aprendizagem a partir de um conteúdo que interligava o estudo e as experiências cotidianas de vida dos educandos; incentivar professores de outras disciplinas a utilizar o espaço da horta para abordar conteúdo específico de suas áreas; e o reforço da segurança alimentar de grande número de pessoas, pois os alimentos colhidos na horta, de excelente qualidade (livres de insumos químicos sintéticos), além enriquecerem a merenda escolar, complementavam a alimentação das famílias dos estudantes, pois o excedente podia ser colhido e levado para casa, e ainda as hortaliças remanescentes eram doadas ao asilo municipal de Castilho.

A agroecologia pode se constituir em uma forte alavanca para o desenvolvimento rural, pois são os agricultores familiares os maiores produtores de alimentos. As Escolas do Campo deveriam contribuir para a formação de uma nova geração engajada nos princípios agroecológicos, mas é necessário um corpo docente preparado para tratar dessas temáticas transversais e que estejam dispostos a reverter o atual cenário de exclusão dos saberes inerentes à vida desses alunos.

## Referências Bibliográficas

BORSATTO, F. R; CARMO, M. S. A Agroecologia como um campo científico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.68, n.2, p. 4-13, 2013.

CALDART, R. S. Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (Orgs.). **Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2002. v. 4. (Coleção Por uma Educação do Campo).

CAPORAL, F. R; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. 24p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 63p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 54p.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, 17ª. ed. R. de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107p.